

OS DEVERES DE CASA E SUA FUNÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Silviane Irulegui Bueno¹

Este trabalho pretende discutir uma prática normalizada no cotidiano escolar: os deveres de casa. Meu interesse nesta questão está relacionado a minha vida estudantil e profissional. A escolha pelo tema não se deu por acaso, mas é fruto de vivências, inquietações e observações. Como estudante, os deveres de casa eram uma prática rotineira, sem questionamentos, marcada pela repetição e, principalmente, pela preocupação com o acerto. Como profissional, percebi que em todas as instituições em que trabalhei, os deveres de casa (abreviado por DC neste texto) faziam parte da rotina escolar, com diferentes objetivos e pouca discussão sobre a sua intencionalidade.

Na minha experiência profissional, atuando na Educação Infantil e Ensino Fundamental I há mais de 25 anos, observei que os DC fazem parte da rotina escolar, em praticamente todas as escolas. É tema comum nos encontros pedagógicos, estudos e discussões sobre objetivos, conteúdos, procedimentos e avaliação. Mas quando se faz necessário o desdobramento deste planejamento para as atividades de rotina, raramente é destinado um espaço para a discussão dos objetivos e intenções que a instituição deseja alcançar ao trabalhar com os DC. Essa ausência de discussão, e a falta de clareza em relação ao que se quer ao trabalhar com os DC, me levam a acreditar que os deveres se constituem em uma prática não reflexiva na maioria das instituições escolares. Neste trabalho, considero como deveres escolares toda atividade pedagógica

¹ Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Luciane Maria Schindwein. E-mail: silvianeib13@gmail.com

elaborada e proposta pelos professores para que os alunos realizem em horário opcional, fora do período regular de aulas.

Ao longo de minha trajetória profissional, tenho ouvido os alunos e pais sobre suas percepções acerca dos deveres de casa. Tenho percebido que as opiniões diferem, de acordo com o nível de compreensão e capacidade de crítica das crianças. Por exemplo, nos anos iniciais, ao que parece, há um maior envolvimento das crianças com os deveres de casa – “Chego em casa e já faço o meu dever. Assim lembro do que trabalhei em aula e já fica tudo pronto para amanhã”.

Já os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental apresentam outras posturas diante desta atividade escolar: “Deveres, todo dia? Por quê? Faço e a professora só dá um visto...” Os DC ainda aparecem, predominantemente, como forma de controle e não como um momento privilegiado de construção do conhecimento. Colocações como “Feriado é sem dever”, “Sexta-feira não é dia de tarefa” e “Faço na saída, enquanto meu pai não chega”, refletem a posição dos alunos entre 8 e 10 anos sobre o assunto.

Tenho ouvido, também, os pais. Suas opiniões divergem em relação à dos filhos e estão intimamente ligadas às suas experiências estudantis. “Na minha época era diferente...” – referindo-se à quantidade e ao tipo de exercício proposto; “É pouca tarefa!”, deixando a criança com mais tempo livre; e ainda “Não entendo porque é preciso ter deveres...”, quando envolve a família em determinadas situações.

Em minha experiência profissional, tenho percebido que, quando os professores falam sobre os DC, suas ideias refletem sua formação e sua prática educativa. Cito um depoimento de uma professora com quem trabalhei:

Os deveres de casa são de grande utilidade na aprendizagem. Incluso na rotina diária, certamente contribui para o desenvolvimento de bons hábitos de estudo e para a construção de novos conhecimentos. As

funções dos deveres de casa são sistematizar o aprendizado da sala de aula, preparar para novos conteúdos e aprofundar os conhecimentos (Informação verbal).

Esta postura não é unanimidade entre os docentes. Ainda que muitos professores valham-se dos deveres como forma de apoio ao ensino e aprendizagem, outros ainda utilizam os deveres como uma espécie de apêndice, cujo único intuito é manter as crianças em atividade. Tal afirmação é corroborada por este outro depoimento, colhido na mesma escola da professora anterior:

Geralmente no final da aula, faltando cinco minutos, peço que abram a agenda para copiar. Dependendo da atividade, anotamos no início da aula para não interromper o processo de criação.

Articulado ou não ao conteúdo escolar, o que nos move a estudar é o fato de que os deveres não se constituem em pauta nos cursos de formação (nem inicial e nem em conteúdo). Dependendo da sua área de atuação, o professor apresenta diferentes intenções pedagógicas e, considerando o contexto em que está inserido, vai reproduzir ou não essa prática não reflexiva.

Podemos afirmar que, enquanto prática curricular, os deveres escolares constituem-se em uma tradição escolar, assumem certa importância na relação escola-família, são polêmicos enquanto assunto de senso comum. No âmbito da pesquisa acadêmico-científica, este tema vem despertando atenção especial nos últimos anos, percebendo-se um número maior de dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão que o abordam, embora a produção sobre o tema ainda seja escassa.

Paula (2000, p. 43), citando Harvey Foyle (1992), descreve que, em 1904, foi realizada a primeira pesquisa experimental sobre os **deveres**, na Alemanha, por Jager, Schimidt e Mayer, que estudaram a relação entre escola e saúde. Estes autores condenaram os **deveres** por produzirem ansiedade nos alunos. A

partir deste primeiro estudo, vários estudos e pesquisas foram desenvolvidos, principalmente no exterior.

No Brasil, os estudos sobre DC são mais recentes. Um dos primeiros trabalhos encontrados no Brasil é o de Fátima Regina Pires de Assis (1986, p. 15), trata-se de um “estudo com o objetivo de descrever as condições e consequências oferecidas pela escola e o lar para a elaboração da lição de casa.” Com pouca divulgação do tema, o livro de Martha Guanaes Nogueira (2002), resultado de sua tese de doutorado, também reforça a ideia de que a grande maioria dos estudiosos da área do ensino não estuda tal questão e refere-se aos autores de Didática Geral ou Especiais, explicitando que estes apenas citam as tarefas de casa, mas não a tomam como objeto de discussão.

A revista *Nova Escola*² com frequência produz reportagens sobre o tema. Em 2010, na reportagem “Lição de casa com a web 2.0”, propõe-se que os professores utilizem outras ferramentas para tornar a lição de casa mais atraente, como blogs, fóruns e chats. Nesta reportagem, Chris D’Albertas, psicóloga, professora do Colégio Vera Cruz (SP) e estudiosa do assunto, coloca que a “lição de casa é o único momento em que a criança está longe da escola e se encontra com o que sabe e o que não sabe.” (MOÇO, 2010, p. 40). Em 2011, com a reportagem “A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu”, expõe-se a experiência de quatro professores com os DC, reafirmando a importância do planejamento, da orientação correta, da correção como o momento de identificar o que precisa ser retomado e da avaliação da atividade – para o aprendizado do aluno e para o trabalho do professor. Segundo Maria Eulina Pessoa de Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba e especialista no tema, “A eficácia depende do planejamento feito pelo professor e

² Publicação da Fundação Victor Civita – Editora Abril. Circula em todo país desde março de 1986 e tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica.

pela coordenação pedagógica, e não da ajuda dos pais.” (FERNANDES, 2011, p. 45).

Já a revista semanal *Época*³, em julho de 2011, na reportagem “Lição de casa para quê?”, apresenta o movimento antilição, que está ganhando força nos Estados Unidos. Com a justificativa de que os filhos estão sobrecarregados, os pais da rede pública estão liderando este movimento. Harris Cooper, professor da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, e o maior estudioso do assunto nos Estados Unidos, afirma que: “Especialmente entre os alunos menores, não há relação entre fazer lição de casa e aprender melhor o conteúdo ensinado.” (GUIMARÃES, 2011, p. 96).

Quando ingressei no Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2011, comecei a busca sistemática por identificar a produção existente sobre o tema, realizada entre 2000 e 2011, e selecionei as bases de dados da Capes, ANPEd e Fundação Carlos Chagas como referências para essa busca. Após os encontros com a bibliotecária Maria Bernardete Martins Alves, da Biblioteca Central da UFSC, que me orientou sobre operadores booleanos, tesauro, truncagem, descritores, bases de dados e normas da ABNT, esse trabalho tornou-se mais efetivo. O levantamento é complexo e o tema, como descritor, aparece com variações, tais como tarefa de casa, tarefas escolares, lição de casa ou tema de casa. As informações selecionadas a partir desta busca encontram-se em fase de confirmação, processo este que envolve critérios específicos.

Neste mapeamento da produção existente, que ainda não foi concluído, encontrei vários trabalhos que buscam estudar a relação das famílias com os DC: envolvimento das mães que trabalham fora e daquelas que cuidam do lar, desempenho escolar X realização dos

³ Revista da Editora Globo, com publicação semanal para todo o país. Foi lançada em 1998.

DC; acompanhamento das famílias nos DC, entre outros. Pouco se fala sobre a origem dos DC e sua intenção pedagógica.

Desenvolvidos como uma atividade intencional, os DC exigem um planejamento adequado, visando o desenvolvimento da independência e da autonomia do aluno, caso contrário pode tornar-se um momento difícil, de transtorno familiar. É neste momento que a ambiguidade surge: fazer para entregar para a professora ou tornar-se um instrumento para a aprendizagem?

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 22) afirma que a “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” Portanto, nas reuniões de planejamento, nas escolas, faz-se necessário um olhar e momentos específicos para discutir esse momento da rotina escolar. O que se pretende com o dever que é solicitado diariamente? Pergunta que todo educador deve fazer, ao organizar sua rotina diária.

Segundo Madalena Freire (2008, p. 122), a “tarefa possibilita a apropriação do que já se sabe (e pensava que não sabia) e a construção do que ainda não se conhece”. Neste sentido, as atividades que compõem os DC devem ser desafiadoras e com significado, a fim de provocar essa apropriação. Todos os envolvidos neste processo percebem a relevância de cada momento e o que é atribuído para cada atividade. Um momento formal, rotineiro, sem intenção, não incitará a reflexão, uma retomada do que foi trabalhado, um perguntar-se “sei ou tenho dúvidas?”.

Nogueira (2002) afirma que o dever de casa tem os mesmos objetivos didáticos da aula; a diferença está no fato de que as tarefas fora de sala de aula provocam nos alunos maior independência.

Ainda segundo Nogueira (2002), como tem sido praticada na maioria das escolas, a tarefa de casa se enquadra na proposta da escola tradicional.

Na maioria das vezes, ela é realizada de forma mecânica, por obrigação ou necessidade, apenas para cumprir uma exigência escolar, como atividade sem significado para o aluno (NOGUEIRA, 2002, p. 45).

Nos trabalhos analisados até agora, a função dos deveres de casa é citada a partir de múltiplas interpretações como, promover a aprendizagem, fixar os conteúdos, revisar a aula, desenvolver o hábito de estudo, complementar a aula do dia, envolver a família no trabalho da escola, desenvolver a responsabilidade, entre outros. Cabe, no entanto, uma discussão, em cada escola, sobre a função que os DC têm naquela instituição e se, na prática, estão alcançando os objetivos propostos. Em relação ao tipo de DC, verificou-se que são variados: memorizar, fazer exercícios, produzir textos, trazer objetos, elaborar uma produção artística, estudar, ler um livro, observar, criar história, resolver situação-problema, calcular, entre outros.

Paralelamente ao mapeamento da produção acadêmica existente e das reportagens sobre o assunto, busco contextualizar o tema na História da Educação Brasileira, procurando identificar quando surgiram, de que maneira e qual o papel que desempenham na rotina escolar. Penso que, ao buscar responder estas questões, estarei possibilitando momentos de reflexão que ajudarão no trabalho de ressignificar o papel dos deveres de casa nas relações aluno/professor, escola/família e no âmbito do planejamento escolar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Fátima Regina Pires de. **Lição de casa:** um estudo exploratório sobre as condições e conseqüências de sua elaboração, em crianças da 1ª Série do 1º Grau. 1986. 114p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

FERNANDES, Elisângela. A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu. **Nova Escola**, São Paulo, n. 243, p. 44-51, junho/julho 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao->

[escolar/hora-estudar-sozinho-ver-aprendeu-636075.shtml](#)> Acesso em: 20 out. 2012

FOYLE, Harvey. C. Homework: A historical Perspective or the merry-go-round goes round and round! **Southern Social Studies Journal** v. 17, n. 2, p.15-24, spring 1992.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Camila. Lição de casa para quê? **Época**, São Paulo, n. 685, p. 96-97, 1/7/2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI245745-15228,00-LICAO+DE+CASA+PARA+QUE.html>> Acesso em: 20 out. 2012

MOÇO, Anderson. Lição de casa com a web 2.0. **Nova Escola**, São Paulo, n. 229, p. 40-43, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/estudo-rede-licao-casa-geografia-ambiente-virtual-528567.shtml>> Acesso em: 20 out. 2012

NOGUEIRA, Martha Guanaes. **Tarefa de casa: uma violência consentida?** São Paulo: Loyola, 2002.

PAULA, Flávia Anastácio. **Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras**. 2000. 241p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000214661>> Acesso em: 20 out. 2012

Recebido em 26/09/2012

Aprovado em 16/11/2012